

GUIA



Carla Markus Lopes

Março de 2022

Santa Maria

Apresentação

- 4 Interlocuções que permeiam experiências e vivências na acolhida de crianças com TEA
 - 6 Espaço/Tempo de conhecer
 - 6 Professor e a criança
 - 7 A criança e a família
 - 8 A criança e a escola
 - 8 Preparação do ambiente acolhedor: equilibrando os sentidos
 - 9 Organização da rotina escolar
 - 10 Percepções e sensações visuais
 - 11 Percepções auditivas
 - 12 Linguagem e comunicação
 - 13 Estereotipias
 - 14 A construção de uma trajetória escolar
-



APRESENTAÇÃO

Este documento foi construído a partir dos dados coletados e interpretados na pesquisa intitulada: Mediações pedagógicas na acolhida de alunos com TEA: educação inclusiva no contexto da educação infantil desenvolvida no curso de Curso de Mestrado Profissional em Políticas Públicas e Gestão Educacional, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e realizada em uma escola da Rede Municipal de Ensino de Santa Maria ao longo do ano de 2021.

A mesma contou com a colaboração dos docentes da Educação Infantil e primeiro ano do Ensino Fundamental desta escola e a participação de professores pesquisadores da UFSM a fim de contribuir com a instituição e professores quanto aos desafios na acolhida de estudantes com TEA.

Diante dos debates e problematizações realizadas pelo estudo no contexto escolar no decorrer das reuniões e interpretação dos achados, evidenciamos a necessidade de redimensionar o nosso olhar acerca do espectro autista. E, além disso, tornarmos as reflexões sobre a acolhida e adaptação dos alunos com TEA como um trabalho em equipe, uma rede de colaboração capaz de perceber os avanços e oferecer apoio diante das estratégias frustradas.

Para Carvalho (2008) “Numa escola que aposta na inclusão, isto é, que assume como uma causa, a diversidade não é um problema, podendo antes constituir uma oportunidade para a aquisição de novos conhecimentos, novas convivências.” (p. 41)

Logo refletir em torno das necessidades dos estudantes com TEA é essencial para o “sucesso” dos processos inclusivos, assim como uma oportunidade de trazer suporte aos docentes para que a recepção e acolhida dessas crianças seja exitosa.

INTERLOCUÇÕES QUE PERMEIAM EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS NA ACOLHIDA DE CRIANÇAS COM TEA

A fim de contribuir no processo de acolhimento/ adaptação das crianças com TEA no contexto escolar. Este documento se propõe a auxiliar as mediações docentes num constructo prático com aspectos essenciais para uma inserção e interação o mais satisfatória possível, destacando assim prováveis fatores que interferem diretamente no comportamento, bem estar desta criança e estratégias que podem beneficiá-la.

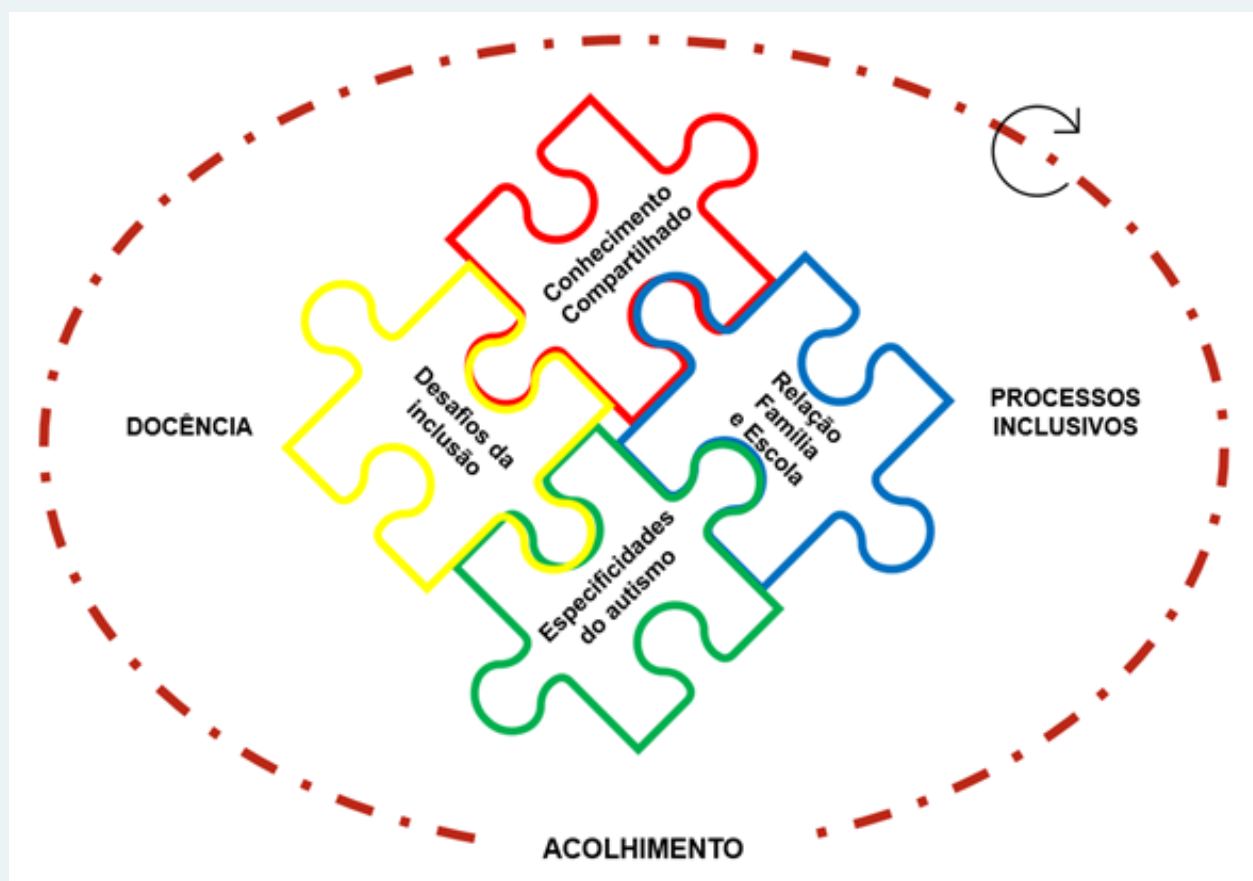
[...] o paradigma da educação inclusiva remete para a ausência de barreiras à aprendizagem e para participação de todos, deixando o enfoque de concentrar-se só no aluno ou só no ambiente que o envolve, mas nas interações recíprocas e permanentes alunos-ambientes. (Freitas 2008, p.42)

Neste sentido, as contribuições exploradas a seguir visam eliminar algumas barreiras à aprendizagem e vislumbrar a participação de todos em regime de colaboração a fim de qualificar as interações no ambiente escolar.

Elaboramos estas interlocuções a partir da necessidade de redimensionar o nosso olhar acerca do espectro autista e, além disso, tornarmos as reflexões sobre a acolhida e adaptação dos alunos com TEA um trabalho em equipe, uma rede de colaboração capaz de perceber os avanços e oferecer apoio diante das estratégias frustradas.

Para Carvalho (2008) “Numa escola que aposta na inclusão, isto é, que assume como uma causa, a diversidade não é um problema, podendo antes constituir uma oportunidade para a aquisição de novos conhecimentos, novas convivências.” (p. 41). Sendo assim, a figura a seguir ilustra os principais elementos e dimensões categoriais, entendidos como essenciais e complementares na dinâmica dos processos inclusivos.

Figura 1 – Síntese dos processos de categorização e interpretativo.



Fonte: Esquema elaborado pela autora com base nas narrativas dos sujeitos colaboradores e em um dos símbolos do TEA.

A fim de contribuir no processo de acolhimento/ adaptação das crianças com TEA no contexto escolar. Este documento se propõe a auxiliar mediações docentes num constructo prático com aspectos essenciais para uma inserção e interação o mais satisfatória possível, destacando assim prováveis fatores que interferem diretamente no comportamento, bem estar desta criança e estratégias que podem beneficiá-la.

Neste sentido, as contribuições exploradas a seguir visam eliminar algumas barreiras à aprendizagem e vislumbrar a participação de todos em regime de colaboração a fim de qualificar as interações no ambiente escolar. Para tanto, abordaremos os subsídios através de dimensões, sendo a primeira delas:

1 Professor e a criança



As relações estabelecidas com a criança na escola são parte do alicerce para suas aprendizagens. O principal mediador no processo de acolhida do estudante é o professor. É ele quem qualifica e media na maioria das vezes as interações. Entendemos que a socialização é um dos aspectos essenciais para o acolhimento e desenvolvimento do aluno com Transtorno do Espectro Autista.

Entretanto, devemos reconhecer que o professor é alguém com uma história, com receios, que não detém o conhecimento de tudo, que possui características próprias expressas em seu comportamento e relações. Este profissional como qualquer ser humano tem sua trajetória e com ela experiências boas e ruins, ou seja, não se pode esperar que diferentes pessoas tenham reações e comportamentos semelhantes. Assim, cada professor terá a sua forma e seu tempo de estabelecer vínculos afetivos com este aluno, afinal ele também precisa adaptar-se e conhecer esta criança e suas características particulares. Dessa forma, enfatizamos que os docentes estão em constante aprendizado, e, portanto, não é possível que estejam prontos para lidar com os desafios da inclusão, mas se faz necessário que estejam dispostos a aprender e refletir sobre como ensinar o aluno.

(...) cada uma teve um impacto em sua perspectiva docente já que nenhuma criança é igual. Do ponto de vista geral, quando temos uma criança do espectro autista, cada um tem uma em sua sala, com características muito peculiares. (BOLZAN, 2021)

Assim, entendemos que o professor constitui-se como alguém que aprende diante dos desafios da inclusão, porém essa aprendizagem precisa de apoio e conforto, pois por muitas vezes os sentimentos de frustração e fracasso irão aflorar diante de tantas demandas que o dia a dia da escola os desvela. O papel do professor diante dos processos de acolhimento e inclusão não é uma tarefa fácil, precisamos ter clareza de que neste período a criança é uma alguém que está se constituindo, aprendendo a ser aluno dessa escola, aprendendo a estar nesse mundo que ela percebe de uma forma diferente da maioria das pessoas ao seu redor.

Cada criança pertence a uma família que representa uma unidade sócio histórica e cultural, com vivências, experiências, valores e culturas próprias. Neste sentido é preciso conhecer a família, suas histórias e tentar entender como ela se organiza, como as relações acontecem. Pois a relação da escola com a família é um importante elo a ser fortalecido em prol do desenvolvimento do aluno. Para tanto, se faz necessário o acolhimento à família, pois para que o estudante se vincule com seu grupo e professor será fundamental propor formas de acolhimento que incluam as famílias; pois, esta participação contribuirá para que a permanência dos estudante se dê com segurança e tranquilidade.

O importante de tudo isso é entender as razões das mães terem esses comportamentos, é porque dói nelas toda vez que aparece explicitamente as dificuldades do filho. Podemos ter empatia com a dor da mãe para que ela entenda que o professor está trabalhando para que os comportamentos sejam entendidos pela escola e pela turma, para que a mãe se sinta acolhida e não precise tapar as dificuldades do filho. É uma fala muito sensível, muito mais por empatia do que por convencimento. (SCHMIDT, 2021, s/p)

As afirmativas do autor oriundas de pesquisas com mães de crianças com autismo evidenciam o quanto se faz necessário o estabelecimento de uma relação pautada na sensibilidade, pois qualquer família se sente responsável e, inicialmente, “culpada” pelas dificuldades dos filhos. Então, as famílias vivenciam o luto, os desafios, as frustrações diante do diagnóstico de formas diferentes, pois terão que aprender a ser pais dessa criança, a estimular sua autonomia. Tantas atribuições diante do inesperado geram medo e insegurança nos familiares, e se a escola não representar um suporte para esta criança dificilmente a família irá ser participativa e colaborativa. Sendo assim, é preciso que se estabeleçam laços de confiança e sensibilidade de ambos os lados, e que sejam nutridos através do diálogo.

3 A criança e a escola

Todas reflexões trazidas (as relações mencionadas ao longo do estudo e referendadas nas rodas de conversas) favorecem a construção de uma perspectiva inclusiva na escola, são elementos capazes de desenvolver o sentimento de pertencimento a este contexto.

Quando falamos em incluir nos referimos ao fato de fazer parte de um grupo, ou seja, a matrícula deste aluno em uma escola regular não garante que ele seja incluído pelo seu grupo ou se sinta incluído na turma e comunidade escolar. Dessa forma, os processos de ensino, aprendizagem, acolhida e inclusão precisam ser permeados por relações empáticas que favoreçam vínculos estabelecidos. Tais vínculos devem ser estabelecidos pela colaboração com o objetivo de que a criança sinta-se acolhida e compreendida na escola.

4 Equilibrando Sentidos

Considerando as necessárias mudanças no contexto escolar para que este esteja apropriado aos processos inclusivos, é de suma importância levarmos em consideração as formas como a criança percebe, sente e vê o mundo pela ótica do espectro autista. Pois, com certeza as percepções sensoriais dos autistas são um dos grandes desafios no processo de acolhida destes alunos, uma vez que que em casa a família “controla” os estímulos de acordo com as demandas já conhecidas por eles. Entretanto, ao ingressar na escola os docentes precisam conhecer tais demandas e, muitas vezes, aprender a interpretar os sinais de desconforto diante de algum estímulo.

(...) acreditamos que conhecer as experiências sensoriais dos autistas, saber o que pensam e sentem diante de determinados estímulos do ambiente, pode ser o primeiro passo para que os profissionais da área da educação adaptem à escola e o ambiente da sala de aula para realmente incluir esses estudantes. (OLIVEIRA, 2020, p. 20)

Dessa forma, os estudos de Oliveira 2020 dissertam sobre as crianças com autismo e os espaços escolares adaptados, assim baseados nas evidências da autora a respeito do design sensorial abordaremos algumas considerações que julgamos pertinentes e possíveis de serem aplicadas na escola. Para tanto, organizamos as orientações em tópicos:

Preparação do ambiente acolhedor

Organização da rotina escolar

É reconhecida a importância da rotina escolar para as crianças da educação infantil, principalmente, no que se refere à adaptação ao tempo/ espaço vivenciado na escola. Assim, o uso de recursos como imagens e a previsibilidade da rotina para a criança com TEA são aspectos necessários para sua acolhida ao contexto escolar. Dessa forma, Oliveira (2020) sugere, por exemplo, a organização dos momentos escolares por meio de uma sequência de fotos exposta na sala de aula, pois para a maioria das crianças é fundamental manter um padrão nas rotinas escolares. Como sabemos a rotina das escolas costumam ser dinâmicas exigindo ajustes ao contexto dos diferentes grupos. Salientamos que se organizem estratégias, que favoreçam que a criança possa prever a ordem em que as diferentes aprendizagens/atividades irão acontecer, pois assim ela se sentirá mais segura e confortável.

Observamos que, em alguns casos, ao realizar uma troca de ambiente e/ou ação pedagógica, se faz necessário uma pausa em um local com características intermediárias entre os dois espaços a serem alternados. Por exemplo, ao sair da sala de aula para a pracinha ou pátio pode ser conveniente deixar que a criança permaneça alguns minutos sentada em um banco do corredor, pois assim ela pode visualizar o que acontecerá em breve. Acostumar sua percepção sonora e se organizar para esta mudança, não ocorrerá de modo abrupto, o que contribui para que ele se mantenha com o grupo sem se desorganizar.

A organização dos tempos e espaços pensados de acordo com as especificidades do estudante de uma maneira mais ampla, mas personalizados para cada aluno são imprescindíveis quando pensamos na perspectiva inclusiva na escola. Neste sentido, OLIVEIRA (2020) destaca:

No contexto da inclusão, há de se ter em conta que, nem sempre, as demandas sensoriais do ambiente poderão ser resolvidas em sala de aula. De fato, em determinados momentos, o estudante autista precisará de um espaço reservado para se acalmar e se sentir seguro. (p.56)

A autora afirma que se trata de o autista ter ao seu alcance um lugar que lhe ofereça segurança a ponto de assegurar calma e controle do comportamento, sendo um ambiente de fuga tranquilo e silencioso com o objetivo de prevenir e atuar na organização de problemas de comportamento (OLIVEIRA 2020). Vale destacar que na impossibilidade de um ambiente específico para este fim na escola, pode-se contar com um recanto na própria sala de aula, com uma cabana ou barraca confeccionada com caixas ou tecidos, onde a criança possa permanecer quando precisar de uma pausa, seja pelo contato com outras crianças ou pela hipersensibilidade aos estímulos visuais, auditivos ou táteis que é uma característica bastante recorrente do transtorno. Aspectos ambientais ignorados ou bloqueados pela maioria das pessoas, tais como ruído de fundo, luz cintilante ou uma cor brilhante, podem ser muito perturbadores para os autistas (OLIVEIRA, 2020 p. 68)

Logo, toda atenção em relação às rotinas a serem adotadas com cada indivíduo em seu grupo é fundamental para o sucesso da inclusão de crianças com TEA em seus grupos escolares.

Percepções e sensações visuais:



Considerando que a percepção visual dos autistas pode se caracterizar como fragmentada, salientamos a relevância de pensarmos salas de aula com menos informações, cores e elementos; pois, o excesso de “informações” e estímulos no ambiente podem influenciar no bem estar da criança neste espaço. Assim como manter sempre a mesma disposição dos móveis, sem mudanças repentinas ou acréscimo de mobiliários na sala. Neste sentido, a estratégia de organizar a sala de aula por setores também é entendida como benéfica. Por exemplo, em um extremo da sala ficam os brinquedos, em outro extremo os livros, em outro o quadro, pois “a compartimentalização dos espaços, tem como finalidade evitar a sobrecarga perceptiva” (OLIVEIRA 2020, p. 51).

Destaca-se ainda a importância de proporcionar uma variedade de diferentes ambientes de aprendizagem para que a criança tenha a oportunidade de escolher. (OLIVEIRA, 2020)

Outra estratégia para a divisão da sala em compartimentos é através do uso de fitas coloridas que demarquem através das cores os espaços e seus usos. Podemos utilizar a fita no chão para demarcar os diferentes espaços didáticos, como por exemplo o lugar em que a criança vai sentar, com outra cor é possível demarcar o local onde se realiza a hora do conto e outra pode demarcar o local para higiene. Neste sentido, Oliveira (2020) afirma que:

Por conseguinte, essas estratégias visam à facilitação visual, garantindo ao autista um ambiente com informações suficientes para ele movimentar-se de forma autônoma no ambiente, além de poder distinguir e associar vários espaços às suas funções. (p. 54)

Ao utilizar estratégias para setorizar o ambiente da sala de aula estimulamos a autonomia das crianças na Educação Infantil, pois essa organização propicia o reconhecimento da finalidade dos objetos conforme as rotinas da turma.

Percepções auditivas



Com relação a este sentido, a dificuldade de concentração em virtude de ruídos e movimento foi relatada nas narrativas das colaboradoras como um desafio na inclusão de alunos com TEA e vivenciada pela pesquisadora em sua trajetória docente. Assim, sugere-se, na medida do possível, uma avaliação conjunta dos docentes e equipe diretiva da escola, de modo geral, a fim de alocar as turmas com alunos com TEA nas salas de aula com menos barulho e circulação de pessoas, ou mesmo em turmas com menos crianças e com menor número de pessoas com deficiência como forma de o professor ter suporte para a inclusão do aluno com TEA.

Outra estratégia que pode ser eficiente em situações pontuais na escola é o uso de fones de ouvido com sons que sejam reconhecidos como agradáveis para a criança como forma de alívio da tensão gerada por barulhos excessivos em determinados momentos. Como, por exemplo, o recreio ou alguma festividade com música alta e muitos ruídos sonoros, podem ser minimizados pelo uso de um dispositivo que contribua para a melhor adaptação da criança ao contexto.

Como vimos, há uma gama de possibilidades razoáveis e viáveis de criação ou de adaptação de determinados espaços para amenizarem eventuais comportamentos involuntários e agressivos dos autistas no âmbito escolar. Por isso, mais do que conhecimento dos vários tipos de vivências sensoriais existentes, a escola e seus colaboradores, sobretudo, os professores devem conceber os espaços “de refúgio” ou “de escape” (...) (OLIVEIRA, 2020 p.66)

Portanto, as contribuições do design sensorial aqui destacadas são alternativas estratégicas com o objetivo não só de promover a aprendizagem e acolhida dos alunos com TEA, mas desenvolver essas aprendizagens de forma prazerosa. Neste contexto, é que o professor irá avaliar ao decorrer do contato com a criança a necessidade e o tempo destas intervenções mencionadas, sempre visando o bem estar e desenvolvimento do aluno diante das demandas apresentadas e das rotinas estabelecidas. O professor precisa testar e experimentar diferentes estímulos e estar atento às respostas da criança com TEA, assim como as demais.

É importante que os professores tenham em mente que as condições para um ambiente acolhedor também são construídas a partir das relações que se estabelecem no dia a dia da escola e no contato com a criança com autismo.

Linguagem/ comunicação

Quando nos referimos ao autismo a comunicação, na maioria das vezes, é um dos maiores desafios nos processos de acolhida, interação e socialização da criança. Tendo em vista que a maioria dos autistas têm algum nível de limitação na comunicação e um número significativo apresenta um quadro mais grave, mais da metade das pessoas com TEA desenvolve algum problema com a fala e 25% são não-verbais. (MORAL, 2021).

Neste sentido, é recorrente uma pessoa com TEA tenha limitações na sua comunicação oral pela dificuldade em compreender ou desenvolver vocabulário e estrutura gramatical. Em geral, as primeiras palavras e expressões da criança autista surgem com atraso, suas frases são mais curtas e menos complexas. Essa dificuldade na fala acaba interferindo na comunicação eficaz da criança quanto as suas necessidades, sentimentos, percepções e na socialização de modo geral.

Dessa forma, a comunicação utilizada pela criança com TEA, muitas vezes, vai acontecer mais através do uso da linguagem corporal e facial, o que implica uma necessidade de interpretação. E, conseqüentemente, muito mais atenção do professor a cada expressão e reação manifestada por essa criança não só para entendê-la, mas o estabelecimento de um vínculo afetivo.

Estereotipias

Esta é uma das características mais marcantes e relacionadas ao TEA pelas pessoas. Assim torna-se imprescindível entendermos mais sobre este comportamento, de acordo a Cartilha do autismo:

As estereotipias costumam acontecer em situações que o autista se sente bombardeado por estímulos, e as ações repetitivas ajudam a pessoa a se reorganizar internamente e processar tudo o que está sentindo. Há relatos de pacientes com TEA que entendem a estereotipia como algo prazeroso, que ajuda a acalmar, a concentrar e a aliviar a ansiedade. (MORAL, 2021, p. 42)

Dessa forma, cabe destacar que as estereotipias fazem parte do comportamento da criança com TEA, servindo como uma estratégia de reorganização. Entretanto, se, por um lado, devemos acolher as estereotipias e de certa forma naturalizar as particularidades do autismo no contexto escolar, por outro, os especialistas ressaltam que é importante observar as situações que as despertam (MORAL, 2021)

Um dos problemas gerados pela alta frequência dos movimentos repetitivos é que, enquanto a pessoa com TEA está focada nestas ações, ela está respondendo apenas aos seus estímulos internos e deixa de interagir com o ambiente. Dessa forma, a estereotipia em excesso pode fazer o autista perder oportunidades de aprendizagem e contato social.

Neste sentido, faz-se necessário uma busca para entender os gatilhos que desencadeiam essas estereotipias, a fim de amenizar sua frequência e prováveis consequências com relação aos processos de aprendizagem e interação/ socialização da criança com autismo.

A construção de uma trajetória escolar

As mediações referenciadas, nesta pesquisa, tem como enfoque o processo de acolhida/adaptação da criança com TEA ao ingressar no ambiente escolar. Entretanto, este representa apenas o início da trajetória escolar desse aluno. Assim, entendemos que estratégias que qualifiquem os processos de adaptação, interação e desenvolvimento da criança devem ser mantidas sempre que necessárias, como forma de assegurar avanços em suas aprendizagens no decorrer de sua trajetória escolar.

As alterações sensoriais tem se mostrado com uma importância muito grande dentro do contexto da escola, porque ali é um laboratório natural de desenvolvimentos. Com todas as crianças ali juntas interagindo com um professor mediador, onde o aluno vai ter a oportunidade de aprender a se relacionar, o que a princípio não é um objetivo explícito da escola, mas está incluído nos outros já que para aprender temos que nos relacionar. (SCHMIDT, 2021, s/p)

Dessa forma, consideramos que adequações beneficiam não somente o aluno com autismo, mas a turma como um todo, pois permite a exploração de conteúdos e elementos que perpassam as aprendizagens da educação infantil e anos iniciais. Assim, sugere-se a organização de tempos e espaços formativos na escola, para que os professores possam compartilhar o conhecimento e trocar experiências sobre os alunos que em anos anteriores foram seus.

Além disso, a perspectiva inclusiva da escola necessita do envolvimento dos seus diferentes setores. Destacamos, pois, a importância do suporte e apoio ao professor e aos encaminhamentos quanto aos limites que vão se estabelecendo na dinâmica escolar e que precisa contar com o engajamento, participação e colaboração dos demais profissionais.

Como evidenciamos na narrativa de uma colaboradora da pesquisa, essa criança deve ser percebida como um aluno da escola e não do professor, pois sua trajetória será constituída por muitos professores.

Então essa ênfase no ambiente é central e quem pode mexer nesse ambiente é o professor, a gestão e a escola inteira, entendendo as demandas que esse aluno precisa e fazendo com que os colegas entendam ou então provendo arranjos ambientais que são arranjos dentro do ambiente da sala de aula, da escola, do pátio ou com os colegas. Tudo isso vai minimizar as características que aquele aluno traz e o que é chamado de deficiência vai aparecer como uma coisa muito sutil por conta dos arranjos feitos. (SCHMIDT, 2021 s/p)

Portanto, podemos inferir que a trajetória escolar do aluno com TEA, assim como de qualquer outra criança necessita da dedicação de todos os envolvidos, correspondendo a um trabalho em equipe, de forma que todos colaboram com olhares atentos e acolhedores que foquem nas potencialidades destes sujeitos para o pleno desenvolvimento de suas capacidades.



REFERÊNCIAS

CARVALHO, Francisco (org) Tendências contemporâneas da inclusão. Santa Maria: Ed UFSM, 2008.

FREITAS, Soraia Napoleão (org) Tendências contemporâneas da inclusão. Santa Maria: Ed UFSM, 2008.

OLIVEIRA, Ana Flávia Teodoro M. Autistas e os espaços escolares adaptados. São Paulo: Mercado das Letras, 2020.

SCHMIDT, Carlo. Transtorno do Espectro Autista: onde estamos e para onde vamos. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 22, abr./jun. 2017. Disponível em: [10.4025/psicolestud.v22i2.34651](https://doi.org/10.4025/psicolestud.v22i2.34651). Acesso em: 18 jan. de 2022.